

Monsieur
Da Costa Sá José

Entreprise Thinet 90 Rue Claude Monet Bongivai
S.T.O. --- France

N HABITE PAS
L'ADRESSE INDICÉE



MENSAGEIRO

BELINHO



Com Aprovação Eclesiástica
Composto e impresso na Tip. da Oficina de S. José
Rua do Ralo — BRAGA

BOLETIM PAROQUIAL — BELINHO — ESPOSENDE

ANO IV — JULHO DE 1964 — N.º 36

Vives a tua Missa?

Logo que o sacerdote acaba de oferecer o pão e o vinho, dirige-se ao lado direito do altar e lava as pontas dos dedos. Isto tem o seu significado. Antigamente os cristãos tomavam parte activa no Ofertório da Missa, indo eles próprios entregar nas mãos do sacerdote o pão e o vinho para a consagração. Por isso esta cerimónia do Lavabo era muito natural, pois é possível que no fim do Ofertório o celebrante precisasse de lavar as mãos. Hoje é apenas uma cerimónia simbólica. Todavia representa mais uma vez, a purificação necessária para a celebração do Santo Sacrifício da Missa. O Sacerdote reza nesta altura uma oração muito bonita em que pede a Deus que o guarde sempre no bom caminho. Dirige-se depois ao meio do altar e diz a oração: «Recebei Trindade Santíssima esta oblação que Vos oferecemos em memória da paixão, ressurreição, e ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo em honra da Virgem Maria, de São João Baptista, dos Apóstolos São Pedro e São Paulo e de todos os Santos, para sua glória e salvação nossa, para que se dignem interceder por nós no Céu aqueles cuja memória celebramos na terra». Em seguida o celebrante vira-se para o povo e diz: *Orates fratres pro me* «Orai irmãos por mim, para que o meu sacrifício que também é vosso seja aceite por Deus Pai Onnipotente». O sacerdote quer-nos mostrar que a Missa não é só sua, mas de todos.

E sabes caro leitor, porque é que neste momento o sacerdote nos convida a rezar com ele?

Vai começar dentro em breve a parte mais importante da Missa e por isso é necessário que nos unamos todos para receber o Senhor que vai descer sobre o altar. A partir desta altura da Missa procura recolher-te cada vez mais pensando em ti, nas coisas que não estão bem na tua vida, e que é preciso modificar, na maneira de corrigir os teus defeitos durante a semana que se vai seguir, para no outro domingo já seres mais digno de te associares à oração do sacerdote, que é afinal a oração da Igreja.

Poesia

*Tal luz à Madalena alumava
(Formosa desde então, dantes tão feia)
Que não lhe pareceu ser casa alheia
Aquela onde o Senhor de tudo estava.*

*E como quem por tal o confessava,
Não teme, não duvida, não receia
Mostrar sinais de dor de que alma cheia
Tão longe, de tão perto suspirava.*

*Na terra jaz lançada! Está regando
Com lágrima os pés do seu Senhor
A cuja sombra colhe doce fruto.*

*Muito lhe perdoou, porque amou muito;
E muito mais lhe deu depois que amor
Em lágrimas de dor se foi banhando.*

Ingratidão!!!

Havia dantes em Espanha vários reinos ou nações independentes. Um deles era o reino de Aragão. Foi lá que aconteceu o caso que vou contar. Certo rei tinha o piedoso costume de rezar antes e depois das refeições.

Antes e depois de comer levantava-se com todas as outras pessoas e rezava um Pai Nosso. Dizia ele aos seus amigos: é Deus que nos dá tudo quanto comemos. Se não lhe agradecemos, somos muito mal educados. Se um pobre comesse todos os dias da esmola que dava um rico senhor e não lhe agradecesse, que diríamos? Que era um mal criado. Nós somos esse pobre que come da esmola que Deus nos dá. Se não lhe agradecemos, não temos coração. Somos uns mal educados. Isto dizia o rei. Os fidalgos ouviam e calavam-se. Alguns, por detrás, criticavam e murmuravam.

Rezar? Nunca o faremos. Isso é para os frades e freiras, comentavam eles. Soube disto o rei, e resolveu dar-lhes uma lição bem dada. Chamou um pobre que andava a pedir esmola de porta em porta e disse-lhe: Irmão tenho muita pena de ti, da tua pobreza e da tua miséria. Quero que venhas ao meu palácio comer comigo sentado à minha própria mesa. Só te peço e te mando uma coisa: não digas uma única palavra. Durante o jantar vai roubando os talheres de prata, garfos, colheres e facas que puderes e mete-os ao bolso. Quando já te sentires farto, sai da sala sem me dares o mais pequeno agradecimento. Esta foi a ordem do rei. Bem rara e bem esquisita, não é verdade?

O pobre tinha um coração bom e muito agradecido. Custava-lhe imenso

(Continua na 2.ª página)

Movimento Paroquial

Baptizados

No dia 24 de Maio — Rosa Maria, filha de Cândida Ribeiro dos Santos e de Olívia de Faria Merrelho, do lugar do Outeiro. Foram padrinhos Manuel de Jesus Faria Merrelho Martins e Maria Francelina Pereira dos Santos.

No dia 31 — Maria de Lourdes, filha de António Alves Caseiro e de Margarida da Silva, do lugar do Feital. Foram padrinhos José da Torre Vieira e Maria Gonçalves do Cruzeiro.

— Maria Lúcia, filha de Alfredo Cardante da Costa e de Maria dos

Ingratidão!!!

(Continuação da 1.^a página)

aquilo, mas o rei mandou; era preciso obedecer. Dito e feito. Ai temos o mendigo sentado à mesa do rei. Comia com fome devoradora. De vez em quando estendia a mão e tirava um garfo, uma colher, uma faca de prata e ia metendo ao bolso. Os fidalgos que comiam à mesa com o rei, ao ver aquilo queriam protestar, mostrar o seu desagrado, mas o rei não deixava falar. A certa altura Sua Magestade, o rei, levantou se e o pobre fez o mesmo. Saiu à pressa da sala com os bolsos cheios de riquezas.

Era atrevimento de mais. Os fidalgos não puderam aguentar. Levantaram-se, correram para o homem e agarrando-o gritaram: Ingrato! atrevido! ladrão! O rei traz-te a comer no seu palácio, tu não lhe agradeces e ainda por cima lhe roubas quanto podes. Naquele momento intervém o rei e, com o rosto carregado e zangado, exclamou: deixem o pobre, soltem já o homem. Talvez ele seja culpado, mas eu conheço outros mais culpados do que ele. Não é Deus que nos dá o pão de cada dia?

Os senhores sentaram-se à mesa, comeram e beberam quanto quizeram. Foi Deus quem lhe deu tudo isso. E os senhores nem sequer tiveram uma palavra para lhe dizer muito obrigado, nem um Pai Nosso lhe rezaram. Os senhores são mais mal educados, são mais ingratos, mais ladrões do que este pobre. Lição dura, sem dúvida, mas bem merecida!!!

Prazeres Pires Pereira, do lugar de Barros. Foram padrinhos Manuel Gonçalves Pereira e Maria Luísa Martins Alves.

No dia 7 de Junho — Maria Vitória, filha de Cândido Vieira da Costa e de Maria Amélia Gonçalves Cachada, do lugar de Belinho. Foram padrinhos António Vieira da Costa Portas e Maria Laranjeira da Cruz.

No dia 14 — Maria Delfina, filha de Manuel Alves Cardante da Costa e de Carolina Fernandes, do lugar do Feital. Foram padrinhos Manuel Cardante Gonçalves Patrão e Maria Delfina Cardante da Costa.

No dia 15 — Abílio, filho de Mário da Costa Azevedo e de Maria de Carvalho Gonçalves da Costa, do lugar de Santo Amaro. Foram padrinhos o sargento Abílio da Costa Azevedo e sua esposa Irene Martins de Carvalho.

No dia 18 — Manuel Augusto, filho de Delfim Ferreira de Faria e de Maria Augusta Lima de Almeida, do lugar do Outeiro. Foram padrinhos Manuel Augusto Pereira de Almeida e sua esposa Angelina Serafina Pereira de Almeida.

No dia 21 — Alfredo Manuel, filho de Manuel Gonçalves da Costa e de Ermelinda Gonçalves, do lugar do Feital. Foram padrinhos Alfredo Fernandes e Maria Adelaide Gonçalves Marques.

Óbitos

No dia 30 de Maio, no lugar do Outeiro, entregou a alma a Deus, Olívia Alves Cepa, de 14 anos, filha de Manuel Martins Cepa e de Olívia Martins Alves.

— No dia 5 de Junho, no lugar de Belinho, faleceu, tendo sido confortado com os Sacramentos

da Igreja, Manuel Gonçalves Pereira, de 91 anos, viúvo de Amélia Gonçalves.

Paz às suas almas.

Amigos do "Mensageiro"

Manuel de Azevedo Parente, 20\$00; Cândido Pereira Lima, 20\$00; António Ferreira de Brito, 10\$00; Alfredo Martins Gonçalves, 7\$50.

Correio dos ausentes

Reverendíssimo Sr. Abade:

Com toda a satisfação e alegria passo a descrever estas minhas palavras para lhe dar os meus parabéns e contar-lhe as minhas novidades em tom de agradecimento.

Seguidamente, Sr. Abade, peço-lhe a sua humilde bênção para que Deus me continue ajudando como me tem ajudado até aqui. E antes de continuar com mais outros pormenores quero desejar a V. Rev.^a uma continuação de uma saúde perfeita no convívio com os seus e no cargo tão importante como bom pastor de todas as almas da simpática terra de Belinho.

Quanto a mim, Sr. Abade, sinto-me bem de saúde, graças a Deus e a Nossa Senhora da Guia.

Senhor Abade: Cá recebi ontem aqui os dois jornais tão queridos e tão esperados do Mensageiro de Belinho. Oh como fiquei entusiasmado ao ver novidades da minha terra que há tanto tempo não tinha a não ser da minha querida família.

Tenho-lhe desde já, Snr. Abade, a agradecer-lhe com a maior amabilidade e satisfação que sinto por agradecer tamanho favor que para mim valeu alegria e fez-me sentir mais profundas saudades dessa nossa terra tão linda, onde tenho o meu coração e que tem como protectora Nossa Senhora de Guia.

Hoje dia 28 de Maio, quinta-feira, cá festejamos o dia tão solene do Corpo de Deus.

Houve uma festa importante, importante porque foi feita cá em

(Continua na 4.^a página)

PÁGINA FEMININA

O selo do mafarrico

(C O N T O)

Andrezito era um rapaz traquinas, mas piedoso e amigo dos seus amigos.

Um dia foi à terra um Missionário a pedir esmolas para os pretinhos. Quem não puder ajudar doutra maneira — disse por fim o Missionário — junte selos usados e mande mos.

— Para que servem essas estampilhas, se já nem sequer valem para pôr nas cartas? — Perguntou Andrezito.

— Não valem para pôr nas cartas mas servem para fazer colecções porque há muita gente que quer juntar selos de todas as qualidades e países e por isso dão dinheiro por eles. Há selos, dos mais raros e antigos, que valem cinquenta, cem e até quinhentos escudos e até um conto.

Os missionários vendendo essas colecções ganham algum dinheiro, para auxiliar os seminaristas pobres.

O nosso André ouviu a explicação e pôs-se logo a ajuntar selos com todas as ganas, primeiro para as Missões e depois veio-lhe vontade de fazer uma colecção também para ele.

Que alegria, quando lhe davam um selo diferente que ainda não tinha. Mirava-o e tornava a mirar. Poucos meses depois já sabia de cor a Geografia inteira com todos os países.

Comprou um album, um precioso livro, em que ia colando por ordem todos os selos. Começou também a trocar selos com outros companheiros e coleccionadores. Todo o seu gosto era ver e tornar a repassar as folhas do seu album. Que selos lindos os do Panamá! E então, os da Itália? Que maravilha os da Roménia!

E foi crescendo no petiz a paixão dos selos. Ao cabo de um ano estava já um coleccionador de primeira.

Um dia foi a casa de Isabel, sua primita, também colecionadora, para trocar selos. Pôs-se a ver a colecção. Nisto a pequena teve que sair um pouco para ir a um recado da mãe.

Que colecção aquela, tão rica e variada. Um selo da Líbia, ali! Aquilo era uma fortuna que poucos tinham!

E que lindo era ele: um árabe a cavalgar em cima dum camelo!

Quem lho dera na sua colecção! Ficaria ali mesmo a matar. E Andrezito olhava-o uma e muitas vezes com uma vontade imensa de o tirar. E não resistiu à tentação: tirou-o, roubou-o à prima. Parece que a mão lhe escaldava e tinha fogo nas pontas dos dedos. Mas meteu-o ao bolso muito depressa e pôs-se a folhear o album de Isabel, muito sossegado para disfarçar a sua má acção.

Lá foi para casa com o seu furto. Pô-lo na sua colecção com toda a cautela. Aquilo era um selo que poucos tinham! Roubara-o. Isso que importava; já passara tudo, pensava ele. E o petiz procurou esquecer-se, distrair-se, varrer da consciência aquela lembrança. Parece que toda a tarde uma voz lhe martelava aos ouvidos: E's um ladrão, és um ladrão. Bem a não queria ouvir, mas não era capaz.

Aquela noite deitou-se nervoso, desinquieto, custou-lhe a vir o sono. De noite a sua consciência parecia um pêndulo de um relógio a dizer-lhe num tic-tac contínuo: Entrega o selo, ladrão, entrega o selo, ladrão!

Pela manhã, ao saltar da cama, foi logo ver o selo que tirara à Isabel!

Que horror!... Que vê Andrezito? Em vez do árabe montado no Camelo, a figura horrível do demónio. Será engano? Seriam ainda os restos do sono? Esfrega os olhos, lava a cara e volta a ver o album. O demónio ali está no sítio do selo roubado a deitar fogo pelos olhos e a rir-se. Até parecia dizer-lhe: és meu. Fecha o livro à pressa e sai do quarto espavorido. Leva nos olhos a carantonha do demónio e nos ouvidos aquele terrível és meu.

Vai à escola. Ao voltar à tarde vem-lhe vontade de abrir o album. Abre-o muito à cautela e lá está o demónio a rir-se de satisfeito. Cheira a enxofre queimado, a carne assada. E até parece ouvir as gargalhadas do mafarrico.

O remédio era ir-se confessar e dar o selo à Isabel. Teve vergonha, não foi capaz e assim se deitou mais uma noite. Mandou a uma

criada levar para longe o livro terrível. Julgava que ia dormir uma noite descansada. Enganou-se.

Em sonhos pareceu-lhe ver ali ao seu lado o Anjo da Guarda a segredar-lhe ao ouvido: "Por um selo queres desgostar a Nosso Senhor? Por um selo queres que a Santíssima Virgem já não te tenha por filho. Olha como Nossa Senhora está? Confessa-te e entrega a estampilha ao dono. Agora és um ladrão pequenino e, se não te emendas, daqui a pouco serás um ladrão grande..

Andrezito acordou. Já bastavam duas noites de tormento. Era preciso pôr-se em paz com Deus e com a sua alma.

Foi-se confessar. O padre mandou-lhe entregar o selo à prima. Agora é que eram elas! Devia de abrir outra vez o album. E se lhe voltava a aparecer o demónio... Mas não, naquele sítio terrível encontra agora o selo da Líbia com o árabe a cavalgar ao lombo do camelo. E o demónio? Tinha-se escapado porque Deus já lhe perdoara o pecado desde que se confessara e resolvera entregar o selo à prima. Graças a Deus! Podia respirar de sossegado e satisfeito.

Vai entregar o selo à prima e pedir-lhe desculpa da sua falta que ela perdoa enternecida. Até lho quer dar, mas ele não aceita como castigo merecido pelo seu mau proceder. Cada vez que André abre o album e vê o sítio em que esteve colocada a tal estampilha repete interiormente: Aqui esteve o selo do mafarrico.

E ainda agora estremece.

Não vos acostumeis, nem sequer a roubar um alfinete. Assim começaram os grandes ladrões: hoje um alfinete ou um selo, amanhã uma pera ou um cacho de uvas, depois dois cachos, depois umas cenouras ou umas batatas, ou uns feijões, ou uma hortaliça, depois uns fustões ou uns escudos, depois uma carteira ou até dinheiro dos Santos. E depois? O futuro do verbo roubar é este: ir para a cadeia neste mundo e para o inferno no outro.

Quem nos dera, Mães

... Que tivessem todo o cuidado com a hora da Missa e da Catequese aos domingos, para que seus filhos chegassem sempre a tempo;

... Que verificassem, cada dia festivo, se eles levam consigo o missal e o catecismo;

... Que contactassem amiúdo com a catequista que os ensina e dela procurassem o seu aproveitamento e conduta;

... Que sacrificassem tudo com os olhos em Deus, para evitar que eles faltem ao dever dominical;

... Que levassem os filhos aos sacramentos da Penitência e Eucaristia com frequência e os adestrassem na devoção à Santíssima Virgem;

... Que lhe falassem abertamente da missão sublime do sacerdócio e não lhes entrassem os vãos da vocação quanto esta por vezes lhe aflora à alma;

... Quem nos dera Mães que na hora do Baptismo se apresentassem ao Senhor, como Maria no Templo e fizessem a doação heróica dum filho ao serviço de Deus, na ânsia bendita duma bênção para todos os irmãos;

.. Quem nos dera Mães que repletassem com amor a seus filhos a frase sublime de Branca de Castela:

"Meu filho, antes te queria ver morto, do que saber que cometeste um pecado mortal! Foram mães como esta que estenderam as virtudes e o valor pelo mundo, e são ainda essas as que tentam salvá-lo.

Correio de Longe

(Continuação da 2.^a página)

pleno mato onde estamos a cumprir a nossa grande missão. Fizemos a bênção da primeira pedra de uma capela nova que cá se vai construir com a animação destes corajosos rapazes aqui residentes Seguiu-se depois a Santa Missa solene cantapelo nosso grupo da A. Católica Militar, com Sagrada Comunhão a meio da Santa Missa. Depois à tarde houve para entretenimento da rapaziado, oficiais e sargentos um desafio de futebol no campo onde faz de pista também para as avionetes que cá fazem a missão de nos vir reabastecer com tudo o que desejamos, principalmente os mantimentos e o esperado correio.

Senhor Abade: Quanto à vida

Página Feminina

(Continuação da 2.^a página)

Receitas de Cozinha

Salada Russa

(em que se emprega cenoura)

Cazem-se cenouras e batatas em partes iguais. Depois de cozinhadas, embrulham-se num pano, para se lhes enxugar toda a água; depois, esmagam-se no passador. Devem ser cozidas inteiras.

Depois de estar o puré bem misturada numa saladeira, ou alguidar, junta-se-lhe uma boa porção de azeite, vinagre e pimenta suficiente. (Que antes se tenha misturado muito bem numa tigelinha). O sal deve

por aqui vai indo menos mal, embora se saiba o perigo que por cá constitui. Mas os "turras", parecem ir estando convencidos de que Angola é Portugal e convenceram-se de que a paz tem de reinar em Portugal e em terras que a ele pertencem, para bem de toda a mocidade que tem a cumprir o seu dever de militar e para bem das nossas famílias que assim vivem na maior saudade, ao ver partir seus filhos para esta guerra manhosa.

Antes de terminar, Snr. Abade, quero pedir-lhe que dê muitos parabéns à malta jácista masculina, a todos esses meus antigos companheiros e futuros camaradas se Deus Nosso Senhor e Nossa Senhora da Guia quiserem.

Vou passar a terminar, Sr. Abade. Uma vez mais lhe peço a sua tão amável bênção para que V. Rev.^a, em nome de Deus, me abençoe para me continuar a ajudar e para um dia Ele me guiar de novo à minha terra natal ao convívio dos meus entes queridos e dos meus gratos e reconhecidos belinhenses.

Adeus, Snr. Abade, e nunca se esqueça por favor de pedir, como sempre amavelmente pede, por todos os filhos de Belinho ausentes em terras do Ultramar.

Adeus, muito e muito obrigado e felicidades.

Numa só alma e num só coração eu me subscrevo amavelmente,

António Gonçalves Martins Pereira

1.^o cabo n.^o 2297/63

S. P. M. 7236

ser posto no tacho juntamente com as batatas e cenouras para cozer.

Este prato pode servir-se frio ou quente e pode acompanhar carne assada, croquetes, rissois ou peixe frito. Enfeita-se por cima com umas azeitonas e rodela de ovo cozido.

Caldo de Cenoura

Limpam-se as cenouras, sem descascar, mas apenas raspando. Põem-se em água fria e lavam-se ao lume para cozer, juntando-se-lhe uma ou duas cabeças de nabo, igualmente limpas.

Escolhe-se um bocado bom, verdinho, da rama da cenoura (cerca de um punhado ou mão cheia por pessoa), lava-se muito bem; quando a cenoura está quase cozida junta-se-lhe a rama para cozer também. Estando cozido passa-se tudo pelo passador (a cenoura, a rama e o nabo). Na mesma água aonde cozeram deita-se agora este puré. Tempera-se de sal e azeite.

Deixa-se ferver um bocado em lume brando até apurar bem. Claro está que esta sopa tem que levar muita cenoura, para ficar um puré bom, nem muito aguado, nem demasiado grosso. E' bom! Além disso é um alimento óptimo para a saúde.

Podes fazer a mesma receita sem levar a rama da cenoura, embora seja a mesma receita fica muito diferente no paladar por não levar a rama é igualmente boa mas menos rica como alimento para o sangue.

Podes deitar nos pratos, bocadinhos de pão torrado querendo.

Bolinhos de Cenoura

1 kgr. e meio de cenouras; 1 kgr. de açúcar; 2 laranjas. Coze-se a cenoura com as cascas de laranja e depois passa-se tudo pelo passador. À parte, põe-se ao lume o açúcar com o sumo das laranjas. Estando em ponto, junta-se ao açúcar a cenoura e vai ao lume até ficar em boa consistência para se tenderem bolinhos que se envolvem em açúcar pilé e, querendo, se põe em forminhas de papel plissado.

São óptimos.